

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
NORMAL SUPERIOR**

KÁTIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO

MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rio de Janeiro

2020

KÁTIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO

MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Elaine dos Santos Caetano

Rio de Janeiro

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C7441m Carvalho, Kátia da Conceição

Música na educação infantil / Kátia da Conceição Carvalho.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2020.–
37 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2020. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador Professora Elaine dos Santos Caetano

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação. 4. Música. I. Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil. Aprovado em dezembro de 2020.

PROFESSOR ORIENTADOR

PROFESSOR LEITOR

PROFESSOR LEITOR

Rio de Janeiro

2020

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 23 de novembro de 2020.

KÁTIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO

Dedico esse trabalho a todas as crianças que já passaram por mim. À minha mãe, que sempre me apoiou. Ao Instituto Pró-Saber e seu corpo docente, em especial, à professora Elaine Caetano por me instruir nessa escrita. E a todos os educadores que, porventura, vierem a tomar conhecimento de minha jornada na educação enquanto aluna e professora.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, a quem sempre me apeguei e depusitei minha fé nos momentos de angústia e medo. Agradeço por ser quem sou e jamais desistir de meus objetivos, mesmo com todas as dificuldades.

Agradeço à minha mãe, por sempre ter me apoiado e incentivado nos estudos, e por todas as vezes que compreendeu minha ausência em virtude daquilo que almejo, e por todo apoio em geral.

Agradeço, também, à creche Berçário Santa Mônica, que foi minha porta de entrada na educação, onde pude vivenciar minhas primeiras experiências, em que descobri habilidades que jamais pensei em praticar. Além de ser minha porta de entrada para a Educação Infantil, também foi através dela que conheci o Pró-Saber, ou seja, sem essa oportunidade, talvez, jamais estaria aqui contando todo esse processo.

Outra instituição que agradeço é à Creche Semente, a segunda instituição onde também vivi grandes e novas experiências, que me fizeram crescer e aprender ainda mais sobre o papel do educador.

E hoje, meu agradecimento vai para a Escola Jangada, que sempre se dispõe a compreender e auxiliar seus educadores. Agradeço o tempo que disponibilizou para que eu pudesse estar presente nas aulas. É lá onde estou atualmente vivenciando novas práticas, uma forma diferenciada do ensinar. Essa escola me surpreendeu e me surpreende em todos os sentidos. Vai ficar guardada na memória!

Agradeço ao Instituto Pró-Saber e à professora Madalena Freire, que com sua metodologia, me possibilitou muitas experiências e momentos inesquecíveis vividos enquanto aluna. Agradeço por me auxiliarem na tomada de consciência da minha prática enquanto professora, agradeço por cada evolução e aprendizado.

Agradeço a todas as pessoas maravilhosas que tive a oportunidade de conhecer, assim como as amigas que construí ao longo destes anos, e

àquelas que me oportunizaram novas experiências significativas, como a aluna Thayane Caroline Silva da Costa, que me ajudou e me acolheu na escola Jangada, onde atuo no momento.

Também agradeço a todo o corpo docente que, durante estes três anos, nos abraçou e dedicou seu tempo a nos ensinar, fazendo trocas e acolhendo nossas angústias. Em especial, agradeço à professora Paula Padilha, com quem tive a oportunidade de ampliar meu olhar, meu pensamento e, conseqüentemente, pôr em prática na escrita. Tudo começou a partir das aulas de Filosofia, em que tive um salto muito grande nesse sentido e foi graças às disciplinas lecionadas por ela, assim como sua didática no ensinar, que consegui evoluir. Gratidão eterna!

Agradeço à professora Liana Castro, com quem pude exercitar muito a escrita, em diversos formatos, e, conseqüentemente, melhorar de forma significativa. Juntando as experiências vivenciadas com essas duas professoras e suas disciplinas, pude expandir esse crescimento para todas as outras.

Meu agradecimento também vai para a professora Elaine Caetano, que está me orientando nesse trabalho e com quem muito me identifiquei e tive facilidade em compreender os conteúdos, por meio de sua forma de ensinar, sempre muito dinâmica, prática, clara e alegre. E com ela também pude exercitar bastante a escrita reflexiva, que me oportunizou a passar para o papel minhas ideias e reflexões, sem medo.

Por fim, agradeço ao professor Di Lutgardes, que tem me ajudado com relação ao tema “música”. Ele nos trouxe a música de forma prática, dinâmica e divertida, sempre levando o grupo à interação. A música em si é algo que me atravessa de forma pessoal, entretanto, na minha prática, ela tem exercido papel fundamental com os bebês. Deixo aqui meu muito obrigado a todos vocês!

“Eu fico com a pureza da resposta das crianças, é a vida, é bonita e é bonita. Viver e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar e cantar e cantar, a beleza de ser um eterno aprendiz” (Gonzaguinha, 1982).

RESUMO

Ao longo das aulas no Pró-Saber, vamos percebendo o quão importante é termos conhecimento da teoria, pois ela nos traz esclarecimentos e amplia nossa visão com relação à nossa prática. A escrita da minha experiência como aluna pode auxiliar e orientar outros colegas de profissão que tenham interesse em uma formação superior para, então, ter mais conhecimento e assim aperfeiçoar sua prática também. Esta monografia tem o objetivo de fundamentar a minha prática na Educação Infantil. Aborda especialmente a música e pretende contribuir para a formação de bons profissionais.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Experiência. Música. Descoberta.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O COMEÇO DE UMA NOVA HISTÓRIA	14
2 O GRANDE SALTO: VIVENDO GRANDES EXPERIÊNCIAS	18
3 MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS: A MÚSICA	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

Tenho 28 anos, sou nascida e criada no Rio de Janeiro, na comunidade do Borel. Moro com minha mãe e tenho um irmão mais velho. Atualmente, trabalho na Escola Jangada, oportunidade que pude abraçar graças a uma amiga da turma 2018, fruto do Instituto Pró-Saber.

Desde pequena, sempre gostei de estudar. Lembro que uma das brincadeiras favoritas era a de “escolinha” ou “explicadora”, sempre fazendo o papel de professora e as bonecas e ursos sendo os alunos. Minha mãe diz que, antes de entrar para a escola, na época nomeada como Casa da Criança, que hoje é um E.D.I, localizada na Rua São Miguel, Tijuca, eu pedia muito e questionava quando iria para a escola, entretanto, ainda não tinha a idade necessária para começar. Mas, quando surgiu a vaga, que foi cedida pela irmã da madrinha do meu irmão, que tinha seu filho nessa escola, mas que já não estudaria mais lá, pude viver esse sonho. E assim comecei a estudar, na época no Jardim de Infância.

Com o passar dos anos, ao atingir uma certa idade e maturidade, comecei a ter minha visão de mundo mais clara, da minha realidade e do que enfrentaria. E então, pude ter a certeza de que a mudança para minha vida, assim como alcançar meus objetivos, estava na Educação. Sendo assim, mesmo com todas as dificuldades, nunca desisti de estudar e sempre procurei ter o máximo de dedicação possível, pois era e é nos estudos e no conhecimento, que está minha esperança de um futuro melhor, em todos os sentidos. E continuo firme nesse propósito.

Antes de chegar ao Instituto Pró-Saber, não conseguia imaginar a existência de um lugar como esse, nem que um dia eu estaria nele. Sempre tive muitos sonhos, objetivos, e um deles era cursar uma graduação. Mas, na minha cabeça, me caberia estudar numa instituição tradicional, como de costume.

Ao chegar ao Instituto Pró-Saber, conhecer o espaço físico, bem como a metodologia de ensino, pude ver que ali era mais que um curso de graduação comum, era um lar, um lugar de troca, de convivência, de singularidade, de democracia. Com o passar dos dias, fui comprovando que este era o lugar

ideal para que eu vivesse novas experiências, que me levassem a refletir verdadeiramente sobre minha prática, resignificando a Educação Infantil.

Bom, esse trabalho tem por objetivo mostrar minha toda a minha trajetória como aluna e como profissional da educação, trazendo pontos relevantes com relação ao trabalho com a música na Educação Infantil. A começar pelo primeiro capítulo, que narra todo o processo anterior à minha chegada ao Instituto Pró-Saber. Nele conto meus medos, minhas surpresas, meus espantos, minha percepção com relação ao espaço e à pedagogia aplicada. Trago também breves relatos de momentos que foram cruciais e significativos, deixando uma marca positiva para os alunos que ali estavam se achegando.

Passando para o segundo capítulo, falo de uma forma mais profunda das experiências vividas nas aulas, detalhando momentos e aprofundando na metodologia de ensino da instituição, com o método de ensino aplicado por Madalena Freire. Falo da minha superação diante das dificuldades, dos medos e receios, da minha compreensão acerca das atividades que, outrora, me pareciam estranhas e incomuns. Esse capítulo também traz uma base teórica para fundamentar o método de ensino do Instituto. O espaço físico é bem citado e descrito em sua organização. As memórias também estão bem presentes.

Chegando ao terceiro capítulo, falo de mudanças significativas para minha prática com as crianças, entrando no tema *música*, onde conto minhas experiências pessoais, profissionais e enquanto aluna. Falo um pouco da importância de se trabalhar com a música na Educação Infantil e o que pode trazer de benefício para a criança, de forma individual e no grupo. Trago exemplos de momentos vividos com a música, como ela me toca e o que significa para mim.

Para concluir, constato, através da teoria e de minhas experiências, o quanto a música pode ser importante e influenciar significativamente na Prática Pedagógica do professor, no dia a dia com os educandos, assim como no desenvolvimento e processo de aprendizagem deles.

Com tudo o que foi dito, posso dizer que essa foi minha trajetória no Instituto Pró-Saber. Os conteúdos destacados foram alguns dos que me atravessaram ao longo dessa caminhada, dentre tantos outros, sendo o

conteúdo *Música* no qual irei me aprofundar, por ser um tema que me atravessa de modo pessoal e profissional.

1 O COMEÇO DE UMA NOVA HISTÓRIA

Narrar minha chegada ao curso do Pró-Saber, é relembrar minha primeira experiência com a prática de educação infantil, pois foi na primeira creche na qual trabalhei, Berçário Santa Mônica, coordenada pela nossa professora Claudia Sabino, onde tive a oportunidade de conhecer o curso.

A princípio, conhecia só de ouvir falar de uma faculdade, que dava oportunidade de cursar uma graduação na área de educação infantil, para funcionários da Creche Santa Mônica, assim eu acreditava. Só depois, quando recebi mais informações, descobri que não, que a oportunidade se dirigia a funcionários de instituições públicas, conveniadas e particulares. Ao longo da minha estadia no Berçário, fui descobrindo habilidades que nem eu mesma sabia que possuía. Desde então, nasceu em mim o desejo de aprender mais, me aprofundar e estudar sobre esta prática.

Passado algum tempo, pude conhecer o Pró-Saber pessoalmente, por meio de um curso e uma jornada pedagógica, que foram oferecidos à nossa instituição, e que comparecemos mensalmente. Ainda assim, levei algum tempo até ter certeza de que estudaria lá. Até que cheguei de fato a fazer minha inscrição para o vestibular em 2014, porém não fui aprovada. Um ano antes, dei início ao curso de Formação de Professores no CEVIW (Centro Educacional Victor e Wladimir), que tem por objetivo formar profissionais para atuarem na área da educação, nas séries iniciais até o 5º ano. As aulas eram pelo método tradicional, em termos gerais. Professor falando e aluno ouvindo. Quando necessário, para realização de algum trabalho, os alunos tinham mais destaque, fazendo apresentações de trabalho, tirando dúvidas, etc. Não havia muita troca. Viver essa experiência me ajudou a refletir sobre minha prática e serviu, também, para que eu pudesse confirmar o que eu queria cursar na graduação. Em seu texto, “Formação de Professores e Formação Docente”, apresentado pela universidade de Lisboa, Nóvoa (1992) vai dizer que:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência.

De fato, esse curso que tive não foi o suficiente para minha formação, de modo que eu ainda não conseguia ter um olhar crítico, que tivesse um fundamento teórico, mas um olhar mais superficial, técnico, que me fez repensar minha prática, mas ainda faltava algo que fizesse a diferença.

E assim o tempo passou. Já certa de minha escolha, após ter tido contato direto com o espaço do Instituto Pró-Saber e depois de muito ter ouvido falar do curso, passei a me imaginar lá dentro, idealizando um ensino diferente do comum, um ensino que me parecia acolhedor e focado numa aprendizagem significativa para os alunos e que, segundo Nóvoa (1992, p. 13), “[...] deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada”. Eu ainda não sabia, mas a metodologia utilizada no Instituto Pró-Saber é a que mais se aproxima do meu ideal e, infelizmente, creio que não é utilizada por outras instituições responsáveis pela formação de professores.

A proposta do curso é atuar de modo que os sujeitos tenham espaço para se colocar, para expressar suas opiniões, gostos e desgostos. A instituição defende que seus educandos se tornem sujeitos que constroem pensamentos críticos, formulam suas próprias ideias e são autônomos, no sentido de não serem depositários, mas de trocarem conhecimentos com os demais, aprendendo com o outro.

Uma das coisas que mais me marcou, nos primeiros meses de aula do curso, foi a forma como fomos acolhidos pelo corpo docente, bem como as histórias de vida dos alunos, suas experiências e as in experiências, conhecimentos, entre tantas outras coisas. A começar pelo primeiro dia de aula, no qual fomos recepcionados por professores e ex-alunas do Pró-Saber. Durante esse primeiro encontro, vivemos um momento incrível, em que recebemos palavras de ânimo e encorajamento para seguirmos firmes até a conclusão do curso, assim como também pudemos ouvir um pouco das experiências vividas ali por aquelas alunas. Algo de que lembro claramente, foi a fala de uma das ex-alunas sobre a professora Paula Padilha. Ela disse que, no início, mesmo que indiretamente, a professora transmitia o sentimento de medo, receio e rigor, mas que, ao longo desta caminhada, foi possível construir com ela um laço afetivo muito sólido, o que foi uma surpresa total para essa

aluna. Ao ouvir esse relato, me veio um sentimento de medo e receio também, por não saber o que esperar desses professores. E com o tempo, pude comprovar que esse relato era verídico, pois passei pelo mesmo processo. Primeiro o medo e depois o encanto. O capítulo seguinte vai trazer mais detalhes a respeito disso.

Ainda no primeiro dia de aula, foi feita uma dinâmica em que cada novo aluno, à medida em que era chamado pelo nome, se levantava e colocava uma estrela no mural, identificando o lugar onde atuava como professora, ou a comunidade em que morava. Cada estrela colocada representava um aluno. Esse foi um momento que surpreendeu a todos, pois todas aquelas estrelas nos mostraram o quanto somos importantes, que quem somos interessa a alguém e que podemos fazer a diferença. Essa atividade nos provocou um sentimento de pertencimento, de que nossa bagagem, nossa história importam e podem se somar a outras bagagens, a outras histórias para contar uma nova história. Uma atividade que parecia simples, mas capaz de despertar muito significado. A fotografia a seguir representa o resultado desse momento.

Fotografia 01 -- Constelação



Autora: Priscilla Clementino

Bom, caminhando para o encerramento desse primeiro encontro, recebemos um mimo, um doce “bem casado”, embrulhado com papel celofane vermelho, cor do logotipo do Pró-Saber, e, com ele, uma plaquinha com nosso nome. Que gesto simbólico, que muito me surpreendeu, pois não esperava tanto cuidado e carinho! Aqui trago a fotografia que registrou esse gesto:

Fotografia 02 -- Acolhimento



Autora: Kátia Carvalho

E para finalizar, trago um poema de Antonio Cicero, que aponta o registro como forma de guardar as memórias, a lembranças significativas que, posteriormente, teremos a possibilidade de acessar.

GUARDAR

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso, melhor se guarda o voo de um pássaro

Do que de um pássaro sem voos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica, por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo. (CICERO, 1996)

2 O GRANDE SALTO: VIVENDO GRANDES EXPERIÊNCIAS

Ao longo do curso, percebemos que a maneira como as aulas são conduzidas e construídas é o grande diferencial dessa metodologia. Vou contar um pouco mais sobre essa metodologia aqui para vocês.

A cada aula, temos como base a pauta, que nos situa sobre o planejamento desse encontro, que pode ser flexível. É um planejamento de cada atividade que será executada. Essa pauta, de modo geral, é composta por chamada, onde são realizadas diferentes atividades para dar conta desse mesmo objetivo, que está para muito além de uma simples chamada, pois se trata de uma convocação de presença para a aula; nutrição estética ou literária, onde assistimos a vídeos, ouvimos uma música, fazemos a leitura de um poema ou uma história é contada. Na maioria das vezes, nos foram apresentadas expressões artísticas, que fazem relação com o tema ou conteúdo da aula. Temos também os pontos de observação, que serão detalhados mais à frente. E seguimos com a socialização das sínteses, em que um colega é escolhido para compartilhar seu registro por meio da leitura em voz alta. Nessa partilha, através da leitura, temos a oportunidade de aprender com o outro. Esse é um momento de grande exposição de nossa escrita.

Por diversas vezes, o medo se aproximou, causando receio em compartilhar nossa autoria. Particularmente, vinha o sentimento de insegurança, medo de não ter escrito de forma correta e das ideias estarem sem sentido, e com isso receber algum tipo de crítica no sentido negativo, desconstrutiva. Com o passar do tempo, compreendi que esse compartilhar é um momento de aprendizagem para todos, pois aprendemos com os erros e os acertos. O erro do outro pode ser o meu erro e, sim, podemos trocar e assim aprendemos juntos. O processo de aprendizagem se dá com o outro, pois esse outro traz sua bagagem, que pode acrescentar à minha. O que não sei, o outro pode saber. O que o outro não sabe, eu posso saber. E assim seguimos nessa troca de experiências vividas, construindo e ampliando nossos saberes. Esse processo também se dá em grupo, no coletivo, onde lidamos com diversos sentimentos, situações e emoções, que podem nos paralisar ou nos movimentar. Esse misto de sentimentos gera o vínculo, que se dá pelo amor ou

pelo ódio, mas nunca pela indiferença. O objetivo é sempre melhorar. Logo depois vêm a atividade principal, que pode ser a leitura e discussão de um texto, leitura compartilhada, tarefas em subgrupos, tarefa escrita, dinâmica oral ou corporal etc.

Aproximando-se do encerramento da aula vem a avaliação, momento em que compartilhamos nossa aprendizagem do dia, como nos sentimos, como recebemos o conteúdo ou como participamos; dependem dos focos dos pontos de observação. No trecho a seguir, Freire (2008, p. 45) afirma que:

Para romper com esse modelo autoritário, a observação é a ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante. Olhar que envolve ATENÇÃO e PRESENÇA. Atenção que, segundo Simone Weil, é a mais alta de generosidade. Atenção que envolve sintonia consigo mesmo, com o grupo. Concentração do olhar inclui escuta de silêncios e ruídos na comunicação. O ver e o escutar fazem parte do processo da construção desse olhar. Também não fomos educados para a escuta. Em geral, não ouvimos o que o outro fala, mas, sim, o que gostaríamos de ouvir. Neste sentido, imaginamos o que o outro estaria falando...não partimos de sua fala, mas de nossa fala interna. Reproduzimos, desse modo, o monólogo que nos ensinaram.

Também são compartilhados os pontos de observação do grupo, onde o movimento da turma é socializado. Também temos o ponto de observação da coordenação, em que o ensinar do professor é compartilhado a partir do ponto de vista de quem observou. Por fim, temos o planejamento para a próxima aula. Aqui a coordenação diz a data da aula seguinte e pode dar uma prévia do que será abordado, assim como faz o encaminhamento de tarefas para casa, como o pedido da síntese da aula, por exemplo. E todo esse planejamento se dá com base na aula anterior e nos registros. Os professores em sua maioria seguem essa pauta; alguns se diferenciam por fazerem diferente, por seguirem um “roteiro” próprio, mas é aí que entra a concepção democrática, em que essas diferenças são acolhidas.

Outras observações que fiz foram em relação ao rigor com o horário de entrada, bem como os 15min de tolerância. Confesso que não me incomodei com essa norma, pois, particularmente falando, não gosto de atrasos e acredito que todos deveriam ter mais disciplina com aquilo ou com quem se comprometem. Por outro lado, me causou estranhamento, pois, se formos parar para pensar, as instituições de ensino de graduação, de modo geral, não tem esse rigor; os alunos entram mesmo que atrasados e não há um momento

de reflexão e tomada de consciência para tal atitude, seja de forma pessoal ou institucional. As faltas não são relevantes, desde que esse aluno tire uma nota acima da média na avaliação final, e assim “tudo se resolve”.

A conclusão disso é que se não há uma exposição dessa falta de compromisso, não há o debate e a reflexão, e se não há reflexão, não há tomada de consciência, e conseqüentemente o erro se repete, comprometendo assim, não só a si mesmo, mas também o grupo e o professor. Esse modo de conduzir o curso me fez lembrar do ensino fundamental I, onde precisávamos de rotina estável, de uma organização que nos desse uma direção, assim como os cuidados dos professores para com os educandos, que ainda eram crianças. Enfim, o Pró-Saber tem essa relação de cuidado, rigor e amor conosco.

Falando do espaço físico, o que pude sentir foi a sensação de acolhimento e de conforto. Há uma organização física e estética, no sentido poético e artístico da palavra. Na hora do intervalo, em que também há o rigor com o horário, temos o prazer de desfrutar do pátio, que é cercado pelo verde das folhas das plantas, o chão com pedras que o ornamentam e trazem uma beleza estética, mesas e cadeiras bem organizadas, de um material que se harmoniza com o restante do espaço. Na parte interna do pátio, sofás que acomodam nossos corpos nos momentos de descontração, mesas para os momentos de confraternização e compartilhamento dos alimentos. Quadros expostos nas paredes, vasos de plantas etc. Tudo se harmoniza e se complementa, sempre trazendo um ar de naturalidade e aconchego. Muita organização que eu, particularmente, adorei, apesar do estranhamento pelo fato de não ser comum em outras instituições de ensino. Essa organização me traz mais segurança, faz com que eu me sinta mais confortável, e assim não me sinta perdida. Em seu livro, *Educador*, Freire (2008) diz que:

O ato de organizar é, em si, CRIAÇÃO, ESTRUTURAÇÃO, RE-INVENÇÃO, TRANSFORMAÇÃO do espaço no espaço, do tempo no tempo, dos materiais, das atividades, da rotina que sempre se re-estrutura. Para organizar um espaço num tempo determinado é preciso “ler” as “necessidades” daquele espaço: suas características, seu “jeitão”, sua forma. Para que assim possamos recriá-lo com a nossa marca, nosso jeito, nosso ritmo, nossa história, pois cada espaço “fala” da história, pois cada espaço “fala” da história de cada um, de cada grupo. [...] Todas as salas têm a mesma disposição de cadeiras e da mesa do professor, mas cada professor é sujeito, juntamente com as crianças da sua *organização* (espacial e de atividades) *transformadora*, pois só eles sabem como deixar a marca

naquele espaço, dentro daquele tempo, das suas vidas. E o que é educar senão *deixar-se FICAR* (no espaço e no tempo) nos outros?

Bom, todas os professores em suas aulas nos dão espaço para trocarmos conhecimentos, pensarmos e questionarmos, participando ativamente, e assim construir novos conhecimentos. Nóvoa (1992, p. 15-16) afirma que:

Os momentos de balanço retrospectivo sobre os percursos pessoais e profissionais são momentos em que cada um produz a “sua” vida, o que no caso dos professores é também produzir a “sua” profissão. [...] Práticas de formação que tomem como referência as dimensões colectivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores.

Escarafunchar nossas memórias nos leva a refletir sobre cada momento e situação vivenciados desde o início do curso. É difícil lembrar detalhes que ocorreram há tanto tempo. Às vezes dá um branco e precisamos recorrer a registros e sínteses para a rememoração. Olha aí a importância deles. Estes têm como objetivo praticar a escrita, sobretudo, a escrita autoral, em que colocamos nossas ideias e reflexões.

Na concepção democrática estudamos de forma ativa, onde ouvimos e registramos, e ao registrarmos, também estamos refletindo sobre aquela escrita e conseqüentemente, tomando consciência de nossas práticas. Se esse processo não ocorre, não há tomada de consciência e continuamos no autoritarismo e no espontaneísmo, concepções que não dão espaço ao aluno, ou, na segunda opção, dá espaço sem limites, sem o rigor. Freire (2008, p. 73-74) faz a seguinte definição:

Na concepção espontaneísta o educador abomina modelos e termina assim não possibilitando explicitamente sua imitação pelo educando. [...] Este educador não se dá conta de que ninguém nasce livre, autônomo. O processo de autonomia é um aprendizado cotidiano e permanente [...] Na concepção autoritária, pelo contrário, cristalizam-se os modelos, como paradigmas a serem copiados e nunca questionados. Numa outra concepção, a democrática, o objetivo do educador é partir do primeiro movimento, no qual há um momento de reprodução (cópia fiel) do modelo. [...] As intervenções do educador vão instrumentalizando o educando para que passe ao segundo movimento no qual nasce a necessidade de re(a)presentar o modelo, de usar suas próprias palavras, as suas próprias ideias.

No entanto, com as contribuições dos colegas, vamos resgatando nossas lembranças, pouco a pouco. Sendo assim, é possível lembrar dos primeiros dias de aula, do nervosismo, do medo e do desconhecido. A cada

encontro, uma apresentação: nome, onde mora, instituição onde trabalha e qual a faixa etária de sua turma. Enfim, parecia sempre a mesma coisa. Muitas vezes chegamos a pensar: “De novo? Mas já não nos apresentamos”?! Aos poucos fomos percebendo que as repetidas apresentações eram necessárias, pois a cada aula era um professor(a) e uma disciplina diferente, e uma diversidade de sentimentos e ninguém se apresentava da mesma maneira.

Passadas as apresentações, nós, professores e alunos, demos início, de fato, ao conteúdo. Foi então que veio o primeiro desafio: a síntese. Acreditava-se que muitos não faziam ideia do que se tratava. Então, de maneira simplificada, tivemos conhecimento do que a compunha. Basicamente era relatar cada momento da aula, em seus conteúdos e atividades. Tal explicação foi dada à medida em que íamos tendo as primeiras aulas de cada disciplina. Conforme recebíamos o encaminhamento de cada coordenação, recebíamos também uma breve explicação para sabermos, mais ou menos, como construí-la, e assim embarcamos nessa primeira jornada.

A partir de então, tomamos ciência de que, a cada encontro, teríamos que estar atentos, observando, escutando, refletindo e registrando. Para nós, alunos, a tarefa não era tão fácil, era preciso muita atenção, pois era algo novo e ainda estávamos nos adaptando. Dessa maneira, sem, até então, termos consciência, fomos pondo em prática os Instrumentos Metodológicos. Aqueles que nos causaram diversos momentos de tensão e medo. Como assim? O que seria isso? - Nos questionamos. Hoje consigo entender que eles têm basicamente como objetivo auxiliar na observação, no registro, na avaliação e no planejamento. Instrumentos metodológicos são essenciais na nossa prática. Sem eles é impossível ter uma prática democrática; seu uso é indispensável. Para Freire (2014):

Os instrumentos metodológicos (a observação, a reflexão da prática/teoria, a avaliação e o planejamento) possibilitam o exercício sistemático da reflexão para a construção e apropriação da disciplina intelectual. O educador estando em qualquer função na escola (professor, coordenador, diretor) é um profissional do conhecimento, um estudioso, um intelectual – seu compromisso está em promover que seus alunos entrem em contato com seu próprio processo de conhecimento. Para isso, a disciplina intelectual é a ferramenta básica. Assim como um pedreiro necessita de ferramenta para levantar uma casa, o educador necessita de instrumentos metodológicos para a construção permanente da disciplina intelectual, para o estudo permanente que alicerça sua autoria e autonomia.

Nesse sentido, os instrumentos metodológicos são ferramentas que auxiliam e acompanham o educador em sua jornada pedagógica, no seu ensinar, assim como no seu aprender enquanto aluno. Faz-se necessário ter disciplina e foco, organizar o tempo, observando as sutilezas, cada movimento, cada passo. Juntamente com esse olhar observador vem a escuta, a escuta reflexiva, que o leva a entrar em contato com sua prática, assimilando e acomodando as ideias, assim, juntando as peças do quebra-cabeça.

Ah, essa junção de peças não se dá somente com a observação e escuta, mas também com o registro. Ao registrar, o educador reflete, repensa, avalia e planeja, fazendo mudanças, retirando o que não serve, acrescentando o que é necessário e mantendo o essencial. Com tudo isso, entendi que era esse o caminho, me colocar na escrita, ser autoral, pois dessa forma os professores tinham a possibilidade de um retorno do grupo e individual, e assim, poderia se planejar e replanejar, melhorando seu ensinar e o aprender dos educandos.

Observar, registrar, avaliar e planejar o quê? Quem? Quando nos demos conta, estávamos observando e registrando não só os conteúdos, mas também o grupo, os individuais e professores, por meio dos pontos de observação: aprendizagem, coordenação e grupo. Essa percepção foi ocorrendo à medida em que fomos pondo em prática, observando e registrando cada comportamento/movimento durante as aulas.

O objetivo era observar quem se expunha, quem se escondia, quem tinha mais comprometimento de um modo geral, quem apresentava mais dificuldade ou facilidade, de que forma o grupo havia recebido os conteúdos da aula e de que forma participava, etc. Os pontos de observação se dão através de perguntas chaves, que embasam os pontos que iremos observar. A aprendizagem era de responsabilidade de todos, cada um se autoavaliando. Já para a coordenação e o grupo, um aluno era escolhido para cada função. Entretanto, não era algo confortável; sentíamos como se estivéssemos dedurando o colega ou criticando, negativamente, o professor. Era bem desconfortável. Contudo, com o passar do tempo, fomos nos acostumando e compreendendo a importância dessa prática.

Havia também as observadoras, que tinham como função acompanhar atentamente e registrar os movimentos do grupo, assim como os individuais e a coordenação (professores). Na coordenação, a observação era de modo a registrar as intervenções dirigidas ao grupo diante de um questionamento, por exemplo, de que forma os encaminhamentos eram feitos, se estavam atentos aos individuais, etc. No livro Educador, Freire (2008, p. 130) ressalta que:

Esse aprendizado de olhar estudioso, curioso, questionador, pesquisador envolve ações exercitadas do pensar: o classificar, o selecionar, o ordenar, o comparar, o resumir, para, assim, poder interpretar os significados lidos. Assim, o olhar e a escuta, envolvem uma AÇÃO altamente *movimentada, reflexiva, estudiosa*.

Bom, depois de saberem sobre a síntese e os instrumentos metodológicos, no ensinar e no aprender, vamos à prática. A cada aula era preciso muita concentração para que não perdêssemos o foco, e a cada frase dita era uma reflexão e registro do que havia entendido. Fazia anotações até mesmo de palavras soltas, ou, palavras chaves, para ter o máximo de informações possíveis. Tirar dúvidas na aula era algo raro, levando em consideração o medo de errar ou de continuar não entendendo, mesmo com uma explicação mais clara da coordenação. Logo, muitas vezes, registrava fielmente o que era dito, mesmo não compreendendo, e depois relia, repensava e pesquisava para não ficar com a dúvida. Perguntar mesmo, eu só perguntava, quando, de alguma maneira, sabia que estava no caminho certo. Perguntava para ter certeza. Enfim, esse pequeno relato é a confirmação de que aprender dói, como diz nossa querida Madalena Freire, e como dói.

Na infância, na escola e nas experiências anteriores que tive na educação, lembro de constantemente estar sob uma prática autoritária, onde o professor era o detentor do saber e o aluno era o depósito deste saber. Quase nunca havia um espaço para a fala, e quando ocorria, era mais mecânico do que significativo em termos gerais. Esse ouvir de forma significativa era raro, o que deveria ser a regra. Criticar o professor? Jamais, mesmo que de forma construtiva. Se ele estava ali, naquela posição, era porque sabia mais do que seus educandos, sendo os seus saberes, mais relevantes que os dos alunos. Falar do outro ou do grupo, então, era como dedurar, expor, no sentido negativo. Nem cogitava essa possibilidade.

No entanto, ao fazer parte desse processo de ensino no Pró-Saber, descobri que sim, posso falar, posso questionar, posso contribuir, seja para construção dos saberes dos colegas de sala, quanto para a construção dos saberes do professor e construção de seu planejamento. Isso se dá a cada aula, em cada síntese escrita, em cada ponto de observação que é feito, ou, até mesmo numa escuta de forma mais particular.

Depois de tudo isso, em casa, vinham as temidas e desafiadoras sínteses. No começo, sem sabermos muito bem com fazer, fazíamos. Depois de alguns registros, Madalena, com sua sabedoria, nos detalhou a estrutura de uma síntese, que é composta por introdução, pauta, desenvolvimento (conteúdos e aprendizagem), pontos de observação e conclusão. Com esse passo a passo, me encontrei, pois, pessoalmente falando, preciso de algo estável para me sentir segura, e na escrita não é diferente. Saber exatamente como escrever me dava a segurança que eu precisava para me soltar nessa escrita.

No início foi maravilhoso, mas com o tempo, percebi que me acomodei nesse “passo a passo” e comecei a me incomodar com isso. Foi então que passei a me arriscar mais. No lugar de relatar somente um passo a passo do que havia ocorrido na aula, passei a registrar minha aprendizagem, coisa que não fazia, concordâncias e discordâncias, algo mais significativo para mim e não só aquilo que julgava que a coordenação aguardava. E assim surgiu o registro reflexivo e a síntese ou reflexão temática. E mais um desafio veio se achegando.

Construir uma síntese ou reflexão temática era algo complexo para mim, pois me tirava do lugar de conforto. Me fazia pensar e repensar acerca dos conteúdos dados e, posteriormente, passar todas as ideias para o papel, de acordo com o tema encaminhado. Quando não, era o registro reflexivo, em que não havia um tema específico e o trabalho era redobrado, pois, nesse caso, a escrita era mais autoral do que nunca, pois, de alguma maneira, não havia um tema pronto, mas tínhamos que, dentro dos conteúdos dados, sintetizar de acordo com o que ficou de mais importante e significativo para nós. Me expor assim, expor minhas ideias era algo inseguro, incerto. Acreditava que não eram boas o suficiente, que havia escritas melhores, sem contar com o fato de eu ser reservada demais. Tudo isso me tirava do lugar de conforto e me desafiava a

me expor, mesmo que através da escrita. Resisti muito no começo, mas aos poucos fui me permitindo ir além.

Como dito anteriormente, viemos de uma concepção autoritária, logo, o lugar de falar era sempre do professor, e se o aluno era convocado, era, na maioria das vezes, como forma de punição, porque o aluno estava numa conversa paralela. Nunca me candidatava, pois tinha medo de errar, sem contar com as comparações com o de outro colega, mais inteligente. Tudo isso fazia com que eu me sentisse impotente e incapaz de solucionar qualquer questão encaminhada pela coordenação. Foram raríssimos os momentos em que me expus, e, se isso ocorreu, foi porque de alguma maneira me senti acolhida pelo professor (a) que estava em sala, como nas aulas de espanhol que havia no fundamental 2, por exemplo. Como eu gostava da aula e da professora!

Esse cenário foi mudando à medida em que fui para o ensino médio. Não mudou muita coisa, mas percebia que, em algumas aulas, com alguns professores, me sentia mais confortável e capaz de me pronunciar tirando alguma dúvida, como nas aulas de Língua Portuguesa no 1º ano e Química no 2º ano. Mas, quando veio o 3º, não tive uma experiência muito legal; lembranças negativas de ser exposta de forma vergonhosa sem um acolhimento posterior. Lembro a professora sinalizar vários erros numa redação, cujo tema era “política”, e me senti envergonhada por não saber fazer uma redação em pleno Ensino médio.

As barreiras só aumentaram e me fizeram me esconder ainda mais. Curioso que aprendi muito tempo depois, num pré-vestibular. O professor era muito atencioso, e tinha uma forma de ensinar detalhada, uma didática de ensino que facilitava e muito meu entendimento, assim como dos outros alunos. Dava exemplos práticos, tinha uma abordagem acolhedora, onde toda e qualquer dúvida era ouvida e sanada. Nunca esquecerei!

A satisfação veio quando, pela primeira vez, na disciplina de Filosofia e História da Educação II, cujas tarefas eram bem complexas para mim. No módulo I, no primeiro semestre de 2018, tivemos como missão escrever um texto com base no conteúdo da aula, que foram embasados pelo livro Sobre a

estética (2017) de Edgar Morin¹. Escrevi sobre o belo e o feio, questionando sobre o padrão imposto pela sociedade. Após ter meu texto revisado pela professora Paula Padilha, vi que estava começando a compreender sua proposta de escrita, assim como a do curso de modo geral, e ali dei início a um caminho sem volta. Foi quando, na segunda tarefa, cuja proposta era escrever sobre os conteúdos da aula, onde abordamos o tema *arte* e mais especificamente o *cinema* por Edgar Morin, me encorajei a me desprender do medo e do receio de fazer errado, me colocando por inteiro, de corpo e alma nessa escrita, é claro, sem me perder do conteúdo. Foi magnífico ter um retorno positivo e saber que estava me encontrando!

Uma outra disciplina com a qual, não só me encontrei, mas também pude exercitar minha escrita, foi a Oficina de Leitura e Escrita, com a professora Liana Castro. O processo foi bem parecido como na disciplina citada anteriormente, no início, muita dificuldade, uma escrita bem mecânica, medo de me expor, de expor minhas ideias e críticas, etc. No entanto, ao longo dos semestres e dos desafios que nos eram propostos, fui me permitindo e me colocando à prova. Assim, fui me arriscando cada vez mais e melhorando na escrita. Cada correção e cada erro sinalizado me serviram de estímulo para evoluir e avançar.

E por falar em memórias e superação, trago lembranças de uma tarefa cujo objetivo era escrevermos uma crônica, um formato de texto onde relatamos o cotidiano. Pois bem, missão dada é missão cumprida! Sendo assim, puxei pela memória um episódio ocorrido dentro de um transporte público, e com isso, dei à minha crônica o título de “Meio de transporte: público ou privado”?

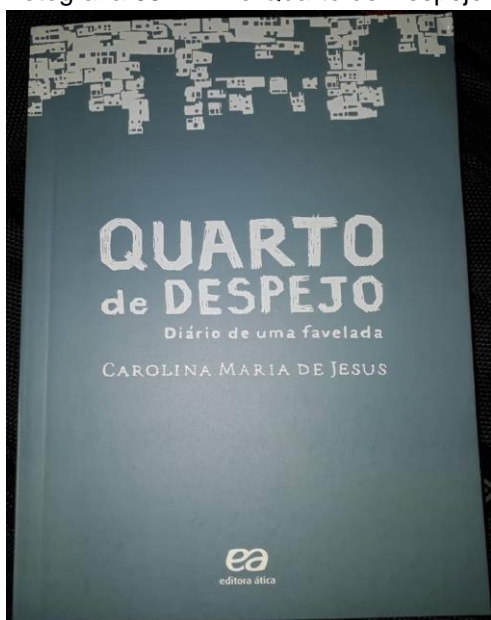
Mas, desenvolver uma escrita para um simples texto, não foi nada fácil. Aliás, não teve nada de simples, pelo menos para mim, que ainda tinha alguns receios e não estava acostumada a escrever de forma mais autoral. Contudo, foi preciso pôr a mão na massa, dar início à gestação, para depois dar à luz a minha escrita autoral. E assim foi feito, usei todas as lembranças que tinha, bem como minha criatividade e ousadia para rascunhar o papel. Foi um

¹ Filósofo belga nascido em 1934, notabilizado por suas reflexões sobre dignidade humana, filosofia da educação, inteligência, liberdade, felicidade, beleza, morte.

processo demorado, mas consegui concluir. Depois de pronto, Liana deu seu parecer, onde me encaminhou pequenas correções, que possibilitaram o aprimoramento do meu texto. Afinal de contas, sempre podemos melhorar, e como dito anteriormente, as correções e críticas construtivas são sempre bem-vindas.

Outra memória muito significativa que tenho dessa disciplina é o período em que iniciamos os trabalhos com os autores. Dentre todos que nos foram apresentados, destaco Carolina Maria de Jesus², mulher de fibra, guerreira, resiliente, entre tantos outros adjetivos possíveis. A fotografia a seguir mostra a capa de uma de suas obras, “Quarto de Despejo”.

Fotografia 03 -- Livro Quarto de Despejo



Autora: Kátia Carvalho

Esse livro é como um diário, traz o dia a dia de uma mulher que luta por sobrevivência, pela sua e de seus filhos, realidade da maioria que mora na favela, ou não. É um dia de cada vez, um dia após o outro. A cada trecho lido, íamos nos identificando, nos enxergando nos relatos de Carolina de Jesus, e a emoção tomava conta. Foi mergulhando em sua história que percebemos o quão forte era, apesar das pedras no caminho. Deste modo, sua história de vida me mostrou que não devo desistir diante de um obstáculo, mas sim,

² Escritora, compositora e poetisa brasileira, nascida em 1914, conhecida por seu livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, publicado em 1960.

persistir, pois todo o caminho percorrido valerá à pena. Falar de Carolina é falar também de representatividade, enquanto mulher preta, forte, resistente e de muita bagagem. Sendo assim, trago à memória a oficina em que confeccionamos a boneca Abayomi, e assim pudemos experienciar um pouco da cultura africana. A imagem a seguir mostra o resultado dessa experiência:

Fotografia 04 -- Abayomi



Autora: Kátia Carvalho

Todas as disciplinas com a professora Elaine Caetano também me possibilitaram exercer uma escrita mais autoral, onde eu pudesse explorar minhas ideias a partir de um conteúdo, pois seus registros, reflexões e síntese sempre eram temáticos.

Dentre outras disciplinas que tivemos, posso destacar outros conteúdos, como: cultura lúdica, que nos fez resgatar nossa infância, em que não precisávamos de brinquedos estruturados para nos divertir e brincar. Música, algo de que gosto muito e que baseia a minha prática com os bebês, atualmente. Prosaico e poético, esse foi o conteúdo que me mostrou os dois lados da vida: o cotidiano rotineiro, prosaico, onde temos deveres e afazeres. E

o poético, que nos permite o escape e o refrigério diante de uma realidade, muitas vezes, cruel e pesada. A música, para mim, seria justamente o portal para o “poético”. Liberdade, uma nova concepção dela, que conheci por meio de Hannah Arendt. Espontânea e independente de motivo ou finalidade.

Falando em instrumentos metodológicos, destaco também as etapas evolutivas do desenho, que exigem um olhar observador, registros, etc. Através desse conteúdo, pude aprender e conhecer como se dá o desenvolvimento do registro da criança, que vai desde os traços mais leves e simples até o desenho mais bem elaborado, e posteriormente a escrita. Deste modo, aprendi a identificar os desenhos dos meus alunos e assim saber em que etapa estão.

Cuidar x educar, duas nomenclaturas que, na verdade, deveria ser uma só, pois fazer essa divisão de tarefas e, conseqüentemente, de cargos, só faz alimentar a ideia de que educar é mais importante que cuidar. Comunidade, tema que trouxe ao meu conhecimento seu significado real, que é a união de um grupo de pessoas em prol de uma causa em comum. E essa comunidade podemos encontrar no lugar onde moramos, onde trabalhamos, onde estudamos, entre outros, bem como aliar-se a outras comunidades.

Desemparedamento, este tema nos trouxe a consciência de que, muitas vezes, o “conteúdo”, que tanto queremos ensinar, está do lado de fora da sala, não dentro, pois tudo começa com o contato direto com a natureza, com o concreto, para depois trabalhar com o abstrato. Isso também se aplica ao conteúdo “projeto”. Por último, destaco os tipos de textos e seus portadores, que estão presentes a todo momento da nossa prática, só precisamos identificá-los e colocá-los em uso.

3 MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS: A MÚSICA

Esses três anos de estudo no Instituto Pró-Saber me fizeram ter um olhar diferente para minha prática enquanto professora. Por vezes, me vi num movimento autoritário e espontaneísta, porém acreditando estar fazendo correto; não tinha conhecimento do quão negativo isso poderia ser. À medida em que fui aprendendo e estudando sobre a prática pedagógica segundo a metodologia de Madalena Freire, fui percebendo que era necessário fazer mudanças, tomar consciência de minhas ações, mudá-las e melhorá-las.

Para que o movimento mencionado no primeiro parágrafo fosse executado, foi preciso pôr os instrumentos metodológicos em prática: observar, registrar, avaliar e planejar. Estes foram fundamentais para que tivesse uma tomada de consciência. Confesso que não foi e não é fácil, mas creio que, quando assumimos nosso papel e nos colocamos no lugar de ser humano falho, compreendemos que sempre temos o que melhorar, o que aprender.

A música é um tema que me atravessa, primeiramente, de forma pessoal, marca momentos importantíssimos de nossa vida, nos possibilitando enxergar o lado bom dela. A música fala no mais profundo do nosso íntimo, fala por si só. Ao mesmo tempo em que exige um rigor, por conta das canções mais formais como a ópera, por exemplo, também existe a quebra dele, pela canção improvisada como o jazz. Falar de música é falar de algo que me faz transportar para um lugar só meu, um lugar de tranquilidade, conforto, bem-estar e reflexão sobre a vida. Na música, em geral, o que mais me envolve é a melodia. Analiso a letra, mas a melodia me chama muito a atenção, não sei o porquê, sempre foi assim.

É uma arte que, mesmo com o passar do tempo, continua causando as mesmas sensações e os mesmos efeitos, tanto para alegria, quanto para tristeza, raiva, amor, angústia, entre outros sentimentos. Minha preferência sempre foi por músicas antigas, me envolvem mais, me fazem transportar para um mundo à parte. Até mesmo nas tarefas do dia a dia, a música está presente, como nos afazeres domésticos. Particularmente falando, quando estou realizando alguma tarefa doméstica, sempre ponho músicas. Elas tomam

um espaço tão grande a ponto de não perceber o tempo passar, nem sentir o esforço físico. A música torna as coisas da vida mais leves, traz esperança.

Uma música da qual gosto muito e que me faz ter a sensação de ter presenciado uma época em que, na verdade, não vivi, mas que, de certa forma, retrata o momento no qual vivemos durante as eleições para presidente do Brasil, é a música “Como Nossos Pais”, composta por Antônio Carlos Belchior e gravada, também, por Elis Regina, cuja versão gosto mais. Esta música fala de uma juventude reprimida, uma juventude que não aceitava as regras impostas naquela época por serem injustas e opressoras. Mas esta mesma juventude, tinha a esperança de mudança, lutando por seus ideais.

Já nas aulas de música no Instituto Pró-Saber, com o professor Di Lutgardes, posso lembrar dos momentos de interação, descontração e relaxamento. Todas as aulas sempre bem humoradas, dinâmicas e significativas. Havia um envolvimento do professor para com o grupo, observando também os individuais. Nossas ideias eram acolhidas, nossos gostos musicais, assim como as experiências ao manusearmos os instrumentos.

Lembro de uma das aulas em que cada um pôde escolher um instrumento para tocar, e assim compomos uma grande banda. Cantamos músicas no estilo Baião, Forró, Samba, Pagode, entre outros. Até mesmo aquelas que, aparentemente, não dá para tocar com instrumentos de percussão, foram tocadas. Todos de alguma maneira se sentiram acolhidos em seus gostos, costumes e diferenças, assim como nas demais aulas.

Outro relato importante tem relação com a aula em que tivemos como tarefa, escolher uma ou duas músicas para cantar e tocar em grupo. As músicas por mim escolhidas foram “Como Nossos Pais”, composta por Belchior, já mencionada anteriormente, e “Nosso Sonho”, de Claudinho e Buchecha. A música “Nosso Sonho” me faz lembrar da minha avó, pois no dia em que ela passou mal, foi para o hospital e não voltou mais, estava tocando essa música. Do mesmo modo, me remete à infância, época em que tocava muito as músicas dessa dupla. Enfim, foi uma aula muito animada e interativa, onde cada um pôde desfrutar do momento levando um pouquinho de si. Assim como em todas as aulas, tivemos um final de semestre com uma última aula muito animada e interativa.

Trazendo para o profissional, por ter sido o principal recurso de trabalho na minha prática, no ano de 2020, pude perceber o quanto a música impacta em diferentes aspectos como o artístico, a criatividade, audição, a oralidade, entre outros.

A utilização da música como recurso ao desenvolvimento infantil já vem sendo abordada há algum tempo quando pesquisadores começaram a apontar seus benefícios no que se refere à melhoria do bem-estar físico, emocional, mental e social de cada indivíduo. Desta forma, ter um educador musical nas escolas de educação infantil, incentivando esta prática de forma séria e consciente pode ser um grande diferencial para o desenvolvimento geral e musical das crianças (CALDERANO, 2015, p. 74).

O trabalho com bebês exige muita ludicidade, percepção das sutilezas, da subjetividade do bebê, fora a leveza no agir. Logo, a música é algo bem presente e que, além de desenvolver/ trabalhar vários aspectos na criança, acalma, alegra o ambiente e sonoriza as brincadeiras.

Posso lembrar de cada momento vivido com a Maré I, minha turma de bebês na Escola Jangada. Todos os dias eram lindas e encantadoras canções, que nos conduziam ao longo do dia. Músicas e cantigas como “Frevo e Ciranda”, “Ciranda do Anel”, “Marinheiro Só”, “Peixe Vivo”, entre tantas outras, compunham nosso repertório. Fosse na entrada, na saída, no Tanque de Areia ao Tanque das Águas, sempre estávamos cantando.

Para além das canções entoadas na turma, a escola oferece aulas de capoeira, onde o Berimbau é muito utilizado e seu som alcança o mais distante espaço. Segundo (CALDERANO, 2015, p. 75):

Em todas as culturas as crianças brincam com música. Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas, nas quais a força da cultura de massa é muito intensa, pois são fontes de vivências e desenvolvimento expressivo e musical. Envolvendo o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz-de-conta, esses jogos e brincadeiras são legítimas expressões da infância. Brincar de roda, ciranda, pular corda, amarelinha, etc, são maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, de sentir único e, ao mesmo tempo, parte de um grupo, e de trabalhar com as estruturas e formas musicais que se apresentam em cada canção e em cada brinquedo. (apud BRITO, 2003. p. 96)

As aulas são destinadas às crianças maiores, entretanto, isso não é um empecilho para a Maré I. Pelo menos não para a Isis, uma bebê mais que musical. Seu corpo se move a qualquer som do pandeiro, do atabaque, do

chocalho, do violão. Mas o berimbau, ah, esse era impossível não ser reconhecido por ela!

Fotografia 05 -- Sala Redonda



Autor: Mundinho da Foto

Essa fotografia ilustra um dos momentos em que estávamos na sala, a qual chamamos de Sala Redonda, bem iluminada e arejada, com vista para o Terreiro (pátio com chão de barro). Nesse dia, estava acontecendo a aula de capoeira no Terreiro, ministrada por Ludmila Almeida, mãe de aluno e parceira da escola, e lá de cima, na sala, era possível ouvir o som que vinha de fora. Sendo assim, pequenina e musical como um sabiá, Isis demonstra todo seu encanto por aquilo que está a observar. Será um pandeiro? Com seu "tum tum tá tum" nos diz que sim, é o pandeiro que ela quer. Ouvidos atentos e bem apurados, ao som do berimbau, que é tocado no terreiro, seu olhar e seus braços erguidos se voltam para a janela e dizem com seu gesto: "me leve até lá". Assim seja, desejo realizado! E lá está a pequena Isis a se deliciar com o que mais gosta, a capoeira. Como um sabiá nunca está só, lá vem os outros quatro sabiás da Maré 1 A para cantar e batucar.

Através dos relatos pessoais e profissionais, fica claro o quanto a música pode e contribuir no processo de desenvolvimento e construção do

conhecimento do educando. Também é possível trabalhar diversos temas tendo a música como base, além de desenvolver os diferentes aspectos, como memória, linguagem, interação, ampliação do vocabulário, favorecimento da inclusão, o despertar da imaginação, entre tantos outros.

A música sempre foi muito utilizada por mim na minha prática, no acolhimento, na chamada, durante as produções artísticas, durante as brincadeiras, ao longo da rotina, sinalizando o tempo de cada coisa, e assim por diante. Tudo isso na antiga instituição onde trabalhei. Entretanto, havia recursos para se trabalhar com a música, que não eram tão explorados, como os instrumentos musicais. Lembro que na minha sala havia uma “bandinha”, seria uma espécie de kit com instrumentos para crianças pequenas, feitos de material leve e prático.

Como dito inicialmente, hoje estou numa outra instituição e tenho podido vivenciar a música na Educação Infantil de uma forma diferente, especificamente com os bebês, de uma forma bem lúdica e encantadora. Através da música esses bebês se expressam, seja com o corpo em movimento, no balanço da canção, com um balbúcio como quem canta a canção e reconhece o som, através dos instrumentos musicais que dão ritmo às músicas cantadas pelas educadoras, entre outros aspectos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante minha passagem pelo Instituto Pró-Saber, pude aprender e vivenciar momentos que me fizeram refletir, repensar e tomar consciência sobre minha prática. Falando da música, as aulas com o professor Di Lutgardes, me possibilitaram um contato direto com instrumentos de percussão, e me fizeram enxergar a importância desses instrumentos somados as nossas vozes, de modo que na minha atual prática tenho tido a possibilidade de explorar mais este recurso. Segundo Carvalho (2019, p.1):

Quando ouvimos uma música, apreciamos a natureza, o verde das folhas, as flores, o mar, o sol ou quando ouvimos o canto dos pássaros, é como se estivéssemos em outro mundo, nos traz a sensação de paz e de bem-estar. Ouvir música é um dos meus refúgios quando quero relaxar e esquecer um pouco a rotina.

Diante de tudo o que foi abordado até aqui, posso concluir que esta monografia vem para contribuir, através do processo vivido enquanto aluna do Instituto Pró-Saber, da minha prática pedagógica e por meio de embasamento teórico, para a compreensão da importância da formação permanente do professor, da concepção democrática de educação e da música na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BEDRAN, Bia. Ciranda do anel (cantiga de roda). *In*: COLETÂNEA de Músicas Infantis. Intérprete: Bia Bedran. Niterói: Angelus Produções Artísticas, 1997. 1 CD, faixa 17.

BELCHIOR. Como nossos pais. *In*: ELIS, Regina. **Se eu quiser falar com Deus**. Intérprete: Belchior. São Paulo: EMI Brasil, 1976. 1 CD, faixa 4.

CALDERANO, Maria Angélica. Uma reflexão sobre a música na educação infantil. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2015. **Anais** [...]. Departamento de Educação Musical do Colégio Pedro II, 2015. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/anaismusica/article/view/580>. Acesso em: 17 nov. 2020.

CARVALHO, Kátia da Conceição. **Síntese da aula de Filosofia e História da Educação II**. Rio de Janeiro: Pró-Saber: 2018 (mimeo).

CÍCERO, Antônio. **Guardar**: poemas escolhidos. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CLAUDINHO; BUCHECHA. Nosso sonho. *In*: CLAUDINHO; BUCHECHA. **Claudinho e Buchecha**. Intérpretes: Claudinho e Buchecha. Rio de Janeiro: MCA Brasil, 1996. 1 CD, faixa 5.

FREIRE, Madalena. **Educador**. São Paulo: Paz & Terra, 2008.

FREIRE, Madalena. **Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação**. Rio de Janeiro: Comunidade Pró-Saber, 2014. Disponível em: [http://www.prosaber.org.br/comunidade/?p=4320#:~:text=Toda%20concep%C3%A7%C3%A3o%20de%20educa%C3%A7%C3%A3o%20coloca%20em%20pr%C3%A1tica%20uma%20teoria%20do%20conhecimento.&text=Os%20instrumentos%20metodol%C3%B3gicos%20\(a%20observa%C3%A7%C3%A3o,e%20apropria%C3%A7%C3%A3o%20da%20disciplina%20intelectual](http://www.prosaber.org.br/comunidade/?p=4320#:~:text=Toda%20concep%C3%A7%C3%A3o%20de%20educa%C3%A7%C3%A3o%20coloca%20em%20pr%C3%A1tica%20uma%20teoria%20do%20conhecimento.&text=Os%20instrumentos%20metodol%C3%B3gicos%20(a%20observa%C3%A7%C3%A3o,e%20apropria%C3%A7%C3%A3o%20da%20disciplina%20intelectual). Acesso em: 09 out. 2020.

GONZAGUINHA. **O que é, o que é**. Intérprete: Gonzaguinha. *In*: CAMINHOS do coração. Intérprete: Gonzaguinha.: São Paulo: EMI Brasil, 1982. 1 LP, faixa 1.
HORA, Rildo Alexandre Barreto da. Peixe vivo (cantiga de roda). *In*: CANTIGAS de Roda. Intérprete: Palavra Cantada: São Paulo: Palavra Cantada, 1998. 1 CD, faixa 15.

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10.ed. São Paulo: Ática, 2014.

MORIN, Edgar. **Sobre a estética**. Rio de Janeiro: Pró-saber, 2017.

NÓVOA, António. A formação de professores. *In*: NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente**. Lisboa: Universidade de Lisboa: Repositório. UL., 1992. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/12424596>. Acesso em: 19 out. 2020.

RIO, André. Frevo e ciranda (cantiga de roda). *In*: **FAROL de Olinda**. Intérprete: André Rio: LAD Publishing & Records, 2012. 1 CD, faixa 8.

VELOSO, Caetano. Marinheiro só (cantiga de roda). *In*: **CAETANO Veloso**. Intérprete: Caetano Veloso: Philips, 1969. Lado 1, 1 LP, faixa 3.